

QUANDO O ESTADO DEMORA A CHEGAR

Dez pessoas da mesma família morrem afogadas ao tentar abandonar a Ilha Josina Machel em busca de locais seguros

- Depois deste episódio, sobe para 115 o número de vítimas mortais desde Outubro de 2025



Dez pessoas da mesma família morreram afogadas ao tentar abandonar a Ilha Josina Machel, no distrito da Manhiça, província de Maputo, no sul de Moçambique, em busca de locais seguros, na sequência das cheias e inundações provocadas pelas fortes chuvas que assolam a região sul do País.

As vítimas perderam a vida quando tentavam fugir da subida das águas. Muitas pessoas continuam a ser resgatadas da ilha e de outros pontos da província de Maputo, havendo ainda casos de famílias que, até ao momento, não beneficiaram de qual-

quer operação de salvamento.

Com este episódio trágico, sobe para 115 o número de vítimas mortais registadas desde Outubro de 2025, quando teve início a época chuvosa. Deste total, pelo menos 20 mortes ocorreram na região sul do País. Entre as vítimas contam-se uma senhora que morreu na Manhiça ao tentar fugir das águas e um agente económico de Bilene (Gaza), Pedro Boene, que morreu por afogamento quando, com o seu próprio barco, prestava apoio às populações afectadas.

IMPACTO SEVERO NO SUL E NO CENTRO DO PAÍS

O impacto das últimas chuvas tem sido particularmente severo na região sul, afectando a cidade de Maputo e as províncias de Maputo (Boane, Namaacha, Matola e Marracuene), Gaza e Inhambane. Distritos como Chókwè e Guijá encontram-se submersos, enquanto a cidade de Xai-Xai não escapou à fúria das águas.

Na província de Gaza, há registos de pessoas refugiadas em telhados de casas e em árvores, devido à

rápida subida do nível das águas, aguardando operações de resgate.

A ligação rodoviária nacional esteve interrompida no distrito da Manhiça, depois de a água ter cortado a Estrada Nacional Número 1 (EN1), na zona de 3 de Fevereiro. Algumas zonas das províncias da Zambézia e Sofala, na região centro do País, também registam impactos significativos.



Créditos: Gonçalo Rosa da Silva

PREPARAÇÃO E RESPOSTA DO ESTADO: FALHAS ESTRUTURAIS EXPOSTAS

A presente crise evidencia fragilidades estruturais na preparação e resposta do Estado face a eventos climáticos previsíveis e recorrentes. Apesar de a época chuvosa ser um fenómeno anual conhecido, não foram adoptadas medidas preventivas eficazes capazes de reduzir o impacto das cheias e inundações.

A resposta institucional tem sido tardia, insuficiente e marcada por imprevistos. O Instituto Nacional de Gestão e Redução do Risco de Desastres (INGD) continua a operar com recursos financeiros e logísticos manifestamente limitados, dispondo de cerca de dois por cento do Orçamento do Estado, o que compromete seriamente a sua capacidade de actuação em situações de emergência de grande escala.

Nos últimos dias, registou-se algum reforço de meios, nomeadamente a mobilização de helicópteros e embarcações, permitindo evacuações pon-

tuais. Contudo, persistem pessoas isoladas, presas em telhados, árvores e zonas de difícil acesso, algumas delas há vários dias sem assistência adequada.

Nos centros de acolhimento, as condições são precárias, com escassez de alimentos, água potável, medicamentos e saneamento básico, expondo as populações deslocadas a riscos acrescidos. A resposta humanitária tem dependido, em larga medida, da solidariedade dos cidadãos, evidenciando a insuficiência da capacidade estatal para gerir crises desta magnitude. Em vários centros, a distribuição de comida e água transformou-se num verdadeiro cenário de tensão e conflito.

RISCO SANITÁRIO IMINENTE

Na sequência das cheias e inundações, há um risco elevado de eclosão de doenças, como cólera e malária, nos próximos dias, devido à estagnação das águas, à destruição de infra-estruturas sanitárias e às más condições de higiene nos centros de acolhimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A actual crise provocada pelas chuvas volta a expor a vulnerabilidade estrutural do País face a fenómenos climáticos previsíveis, bem como a insuficiência da capacidade de prevenção, resposta e protecção das populações.

Para além da urgência em salvar vidas e garantir assistência humanitária digna, impõe-se a necessidade de uma revisão profunda das políticas públicas de gestão de riscos, ordenamento do território e financiamento do sector de gestão de desastres. Sem uma abordagem séria, preventiva e sustentada, as chuvas continuarão a transformar-se, ano após ano, em tragédias evitáveis.

Na sequência das cheias e inundações, há um risco elevado de eclosão de doenças, como cólera e malária, nos próximos dias, devido à estagnação das águas, à destruição de infra-estruturas sanitárias e às más condições de higiene nos centros de acolhimento.



MISSÃO:

Inspirar e impulsionar ações para proteger os direitos humanos, fortalecer a democracia e promover a justiça.

INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Democracia e Direitos Humanos
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: André Mulungo
Assistentes do Programa: Artur Malate; Sheila Wilson; Marcia Massosste
Autor: CDD
Layout: CDD

Contacto:
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO